

Caio Meira – Um abraço

quando nos encontramos e nos abraçamos por apenas alguns segundos, quando coloquei minha cabeça ao lado da sua e o seu tronco por poucos instantes se colou ao meu tronco, com minha mão pousada nas suas costas, sobre sua pele, sobre sua coluna vertebral, nisso que se define normalmente como um abraço de cumprimento, de duas pessoas que não se veem há algum tempo e por algum tempo se abraçam para celebrar a alegria do encontro, do reconhecimento do rosto, do corpo, da vida mútua, esse abraço comemora, numa pequena intimidade, um encontro, ainda que, de modo furtivo, um pequeno lapso de tempo, dois ou três segundos, pouca coisa mais ou menos do que isso, esse abraço que envolve meu tronco no seu tronco, de onde brota o seu corpo, de onde nascem os seus membros e por onde circulam fluidos e voltagens elétricas em rajadas ínfimas regulando o tônus que dá integridade ao seu corpo, que faz com que seu corpo esteja de pé, na minha frente, comandando seus braços a se entrelaçarem nos meus nessa configuração que caracteriza o abraço, esse e qualquer outro, nesse abraço em que nossos corpos se tocaram e que por poucos segundos senti sob a minha mão suas costas, sua espinha dorsal e suas costelas sob meus dedos, em que senti ou intuí que seu coração batia ali dentro comandando a maquinaria do seu corpo, impulsionando sua vida, pensamentos, sonhos, memórias, a prosseguir no dia, no tempo, sob a minha mão espalmada em suas costas, sob a pressão delicada (ou dedicada) dos meus dedos, o arcabouço que protege sua vida, a vida que circula em seu tronco, por míseros instantes colados ao meu tronco, quando seus seios se colaram ao meu peito, quando seu coração se aproximou do meu pelo tempo que costuma

durar o abraço, na duração dos braços e do tronco,
na duração do corpo, da mão espalmada sobre suas costas,
no tempo nem imenso nem ínfimo que perdurou
nesse abraço em que se abraçaram as vidas, os sonhos,
os pensamentos, os sorrisos entrelaçados, como os braços,
como os troncos aproximados, unos quem sabe, durante
um espaço de tempo incomensurável, eu diria, mas
efetivamente sentido pelo corpo e transmitido pelos meios
elétricos e químicos ao lugar em que se dá a geração
destas palavras, em que brotam as ideias que se
armazenam e perduram no meu corpo, que se abraçam à minha
vida a partir daquele abraço que pouco ou quase
nada durou em matéria de tempo cronológico, mas que
insiste ainda agora, aqui, quando me invade a forma
do seu tronco colado ao meu naquele dia em que nos
encontramos

Caio Meira, Romance